



## UM ENSAIO SOBRE O LETRAMENTO NO BRASIL A PARTIR DAS VIVÊNCIAS NO PIBID ALFABETIZAÇÃO IM UFRRJ

Gabrielle Victoria Ferreira de Castro<sup>1</sup>  
Horrana Paula Santos de Almeida Pimentel<sup>2</sup>  
Jonatan Fernando da Silva Reis<sup>3</sup>  
Ângela Márcia Tavares de Mattos<sup>4</sup>  
Clézio dos Santos<sup>5</sup>

### INTRODUÇÃO

Este texto foi construído a partir das discussões do subprojeto “Ler, escrever e contar: o trabalho com narrativas autobiográficas na Educação Básica” do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID, vinculado ao Instituto Multidisciplinar (IM) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), desenvolvido em parceria com a rede municipal de Nova Iguaçu, tendo a escola campo: a Escola Municipal Monteiro Lobato, localizada no centro do município de Nova Iguaçu na Baixada Fluminense. Inicialmente construído pela equipe de 8 bolsistas, 2 voluntários, 1 supervisor e 1 coordenador, aqui representados pelos autores locados acima.

O trabalho tem como objetivo geral selecionar e contextualizar algumas questões sobre processo de letramento no Brasil. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, destacando uma autora principal que aborda o letramento em seus escritos, a professora emérita Magda Soares.

Os resultados obtidos por meio da pesquisa reiteram a importância da especificidade do letramento. Por fim, percebe-se a necessidade do debate das especificidades da alfabetização e do letramento com os professores/as nas escolas de educação básica para que torne o processo da aquisição do código alfabético e do seu uso social acessível a todos e todas.

---

<sup>1</sup>Bolsista do PIBID Alfabetização do IM/UFRRJ e Graduada no Curso de Licenciatura em Pedagogia Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, gabrielleclimaco@gmail.com;

<sup>2</sup>Bolsista voluntária do PIBID Alfabetização do IM/UFRRJ, Bolsista do PIBIC/CNPq e Graduada no Curso de Licenciatura em Pedagogia Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, hannahalmeida20@hotmail.com;

<sup>3</sup>Bolsista do PIBID Alfabetização do IM/UFRRJ e Graduando no Curso de Licenciatura em Pedagogia Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, jonatansilvareis@gmail.com;

<sup>4</sup>Professora Supervisora do PIBID Alfabetização Pedagogia IM/UFRRJ e professora da Escola Municipal Monteiro Lobato em Nova Iguaçu – RJ, angela.andrion@gmail.com;

<sup>5</sup>Professor coordenador do PIBID Alfabetização Pedagogia do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – IM/UFRRJ, cleziogeo@yahoo.com.br.



## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Por se tratar de um texto construído as luzes das discussões realizadas pelo subprojeto “Ler, escrever e contar: o trabalho com narrativas autobiográficas na Educação Básica” do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao Instituto Multidisciplinar (IM) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), como dito anteriormente, a metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, destacando uma autora principal que aborda o letramento em seus escritos, a professora emérita Magda Soares.

Dentre as obras estudadas: Kleiman (1998), Soares (2004, 2006) e Grando (2012). A autora Magda Soares foi selecionada para ser o principal referencial teórico, uma vez que, seus escritos fundamentaram grande parte dos debates propostos pelo subprojeto. Além disso, Magda trouxe à luz o tema o letramento em conjunto com a alfabetização, e sobre estes a autora diz que precisam ser trabalhados de forma conjunta apesar de terem conceitos distintos.

Para Soares (2004), o letramento é o que se pratica no social, no cotidiano, sendo a alfabetização a regra sobre o que é praticado nesse cotidiano, isto é, em uma comparação com jogos de tabuleiro, a alfabetização seria a peça e, o letramento, o modo de jogar.

A autora também defende que a formação deve ser continuada para que a eficácia na melhora dos índices educacionais seja vista. Defende ainda que as adversidades trazidas neste contexto educacional que se encontra a alfabetização não são supridas com apenas a formação inicial, e que sua forma continuada com interações entre docentes permitirá o aumento do entendimento acerca das dificuldades do tema. Sendo assim, a alfabetização e o letramento devem caminhar lado a lado, e Magda ao esclarecer isto, torna evidente falhas como a negação docente para a dificuldade encontrada na nossa língua.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Em 3300 a.c ocorre o surgimento da escrita, surgiu do sistema de contagem feito com marcas em pedras, cajados ou ossos. Nessa época, ser alfabetizado significava saber ler o que aqueles símbolos significavam e ser capaz de escrevê-los, repetindo um modelo mais ou menos padronizado (CAGLIARI, 1998, p.14). Na Idade média quem sabia ler ensinava a quem não sabia.

Com o uso crescente da escrita na sociedade, o alfabeto passou a ter formas variantes de representação gráfica das letras e o usuário do sistema de escrita tinha de conhecer. Saber o alfabeto, seu princípio acrofônico e a ortografia, já não bastava.



No século XV e XVI surgiram as primeiras cartilhas, preocupadas com a alfabetização, as primeiras regras gramaticais das línguas neolatinas: era preciso estabelecer uma ortografia e ensinar o povo a escrever nas línguas nativas, deixando aos poucos o latim.

No século XVIII, no período da Revolução Francesa, a escola era encarregada da alfabetização. Com o tempo, veio a alfabetização popular e a cultura de acompanhar o calendário letivo. Até a década de 50 as cartilhas escolares davam ênfase à leitura, ao ensino do abecedário. Durante a década de 50, alfabetizada era a pessoa que, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), fosse capaz de ler e escrever, mesmo que somente frases simples. Estatísticas evidenciavam que a escola não conseguia alfabetizar em massa e mais de 50% das pessoas reprovavam, sem contar com a evasão.

Na década de 80 começou-se a estimular os aspectos motores, cognitivos e afetivos relacionados ao contexto da realidade sócio-econômicas dos alunos e concepção de alfabetização construtivista. E em meados dos anos 80 aparece pela primeira vez no Brasil, a palavra letramento no livro de Mary Kato que tem o título de “No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística”. E em 1995, nos livros “Os significados do letramento”, de Leda Tfouni.

Durante a década de 80 surgiram discussões sobre as altas taxas de analfabetismo no Brasil e diante de toda a reflexão que ocorreu na época sobre o analfabetismo, foi necessário encontrar uma palavra que fosse usada pra se referir à condição de quem está alfabetizado e dominava o uso da leitura e da escrita, e foi nesse momento em que a palavra letramento surgiu, em um contexto onde à falta de uma palavra que pudesse explicar o uso social do código alfabético, obrigou os pesquisadores do tema a criar esse neologismo.

Neologismo esse que Kleiman (1998) definiu como: “[...] práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita.”, enquanto pode-se definir alfabetização como a aquisição do código alfabético, está focada na relação grafema-fonema. SOARES (2006), “Alfabetizar significa adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita [...]” Logo, o processo de alfabetização é o que torna o educando apto a ler e escrever. Quando falamos de letramento, como dito acima, falamos de uso social do código alfabético.

Dada à diferença entre alfabetização e letramento, podemos concluir que o processo de alfabetização é finito, visto que ocorre enquanto o educando está na fase da alfabetização, enquanto o processo de letramento é constante e ocorre durante o percurso da vida em todas as práticas sociais, sejam elas trocas de mensagens instantâneas, e-mails, cartas.



O letramento foi inventado para denominar um novo conceito distinto da alfabetização:

[...] é em meados dos anos de 1980 que se dá, simultaneamente, a invenção do letramento no Brasil, do illetrisme, na França, da literacia, em Portugal, para nomear fenômenos distintos daquele denominado alfabetização, alphabétisation. (SOARES, 2004a, p. 6).

Essa importância da especificidade em alfabetização e letramento se dá no momento do uso do código escrito, tende-se a atribuir um conceito amplo na questão da alfabetização, no entanto deveria ser tratada como uma questão centrada no aprendizado do código escrito. O evento ocorre também no letramento que deveria ser tratado como uma questão fundamentada na prática social da escrita e da leitura, contudo raramente é cogitado quando se está diante de uma situação em que o estudante não está tendo êxito ao usar socialmente o código que se foi adquirido e, comumente, é usado termos como o analfabetismo funcional, para caracterizar essa disfunção.

Um indivíduo, por exemplo, pode ser de alguma forma, letrado e analfabeto. Soares (2006) diz que se ele está em um meio com a escrita e a leitura presentes, ele pode ouvir atentamente um alfabetizado e letrado ler as notícias do dia, se dita cartas para que terceiros escrevam, se pede para alguém ler avisos e placas, se ouve histórias, brinca de escrever, folheia livros, se está cercada por material escrito e já percebeu sua função, ele ainda é analfabeto porque não adquiriu o código escrito, mas já pode ser de alguma forma considerado letrado.

A alfabetização deve se progredir em um contexto de letramento como início da aprendizagem da escrita, como crescimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, e de atitudes em relação a esse aprendizado; compreendendo que a alfabetização e letramento, precisam ter tratamento metodológico divergente e com isso chegar ao sucesso no ensino aprendizagem da língua escrita, falada e contextualizada nas escolas.

Letramento é informar-se através da leitura, é interagir escolhendo o que manifesta interesse. No Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam e se confundem. A discussão do letramento surge sempre vinculada à noção de alfabetização, o que tem levado a uma inapropriada e descabida síntese dos dois procedimentos, com superioridade do conceito de letramento sobre o de alfabetização. Não podemos afastar os dois processos, pois a princípio o estudo do aluno no universo da escrita se dá ao mesmo tempo por meio desses dois processos, na alfabetização pela progressão de habilidades da leitura e escrita, e nas práticas sociais que cercam a língua escrita, o letramento



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos por meio da pesquisa bibliográfica reiteram a importância da especificidade tanto do letramento, quanto da alfabetização, por andarem lado a lado os termos, não ocasionalmente, se fundem. E essa fusão pode acarretar sérios danos quando tratamos do êxito em alfabetização, devido ao não entendimento do professor/a que está com o estudante no processo de alfabetização

Certamente essa perda de especificidade da alfabetização é fator explicativo – evidentemente, não o único, mas talvez um dos mais relevantes – do atual fracasso na aprendizagem e, portanto, também no ensino da língua escrita nas escolas brasileiras[...] Várias causas podem ser apontadas para essa perda de especificidade do processo de alfabetização; limitando-me às causas de natureza pedagógica[...] (SOARES, 2004a, p.9).

O questionamento que salientamos é onde necessariamente está o erro, na questão da aquisição do código alfabético ou pelo fato do uso inadequado do código?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, em meados dos anos 80 aparece pela primeira vez, a palavra letramento no livro de Mary Kato e foi nessa mesma década que iniciaram as discussões sobre a taxa elevada de analfabetismo, no entanto foi preciso uma nova palavra para expressar fato de que as pessoas que tinham adquirido o código escrito, mas não conseguiam utilizá-lo socialmente. O letramento e a alfabetização são termos distintos, no entanto indissociáveis. Os dois aspectos coexistem e se relacionam para que o estudante se conecte com o meio em que está inserido.

Com autoras de renome como Kleiman (1988) e Soares (2004, 2006), relacionadas ao processo da alfabetização, escrevendo também sobre o processo de letramento, esse tema torna-se cada vez mais notável e aclarado. Todavia, ainda é erroneamente confundido como sendo o mesmo processo.

Por fim, percebe-se a necessidade do debate das especificidades da alfabetização e do letramento com os professores/as nas escolas de educação básica para que torne o processo da aquisição do código alfabético e do seu uso social acessível a todos e todas.

## REFERÊNCIAS

GRANDO, Katlen Böhm. **O LETRAMENTO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA TEÓRICA: origem do termo, conceituação e relações com a escolarização**. Projeto Observatório da Educação/Capes, Rs, p. 1-17, 2012.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu**. Scipione. São Paulo. 1998.



KLEIMAN, Ângela. **Ação e mudança na sala de aula: uma nova pesquisa sobre letramento e interação.** In: ROJO, R. (org.). Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas. Campinas: Mercado de Letras, 1998

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** Revista Brasileira de Educação, n.25, pp. 5-17, 2004a.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos.** Revista Pátio, n. 29, 2004b.